

humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA
MCMLXXI-MCMLXXII



EURIPIDES. **Heraclidae**. Edidit Antonius Garzya. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Lipsiae in aedibus B. G. Teubneri, 1972. XXII + 42pp.

Estava Garzya apto a levar a cabo a tarefa de editar criticamente os *Heraclidas* de Eurípides, sobre quem publicara já vários trabalhos (*Studi su Euripide e Menandro*, Napoli, 1961; *Pensiero e tecnica drammatica in Euripide*, Napoli, 1962; «La data e il luogo di rappresentazione dell'Andromaca di Euripide», *GIF* V (1952) 346-366; «Intorno all'Ecuba di Euripide», *GIF* VII (1954) 205-212) e algumas edições comentadas das suas tragédias em cujo número está a que agora nos ocupa (Roma, 1958) *Andromaca* (Napoli, 1953, 21963), *Ecuba* (Società Editrice Dante Alighieri, 1966); particularmente sobre os *Heraclidas* publicou ainda mais um artigo de interpretação e algumas notas de crítica textual (em *Dioniso* XIX (1956) 17-40; XX (1957) 63-71; sobre os vv. 299-301 em *Maia* VIII (1956) 287-289; v. 460 em *Emerita* XX (1953) 111-113).

Os *Heraclidas* não têm sido das peças mais beneficiadas pela atenção dos estudiosos, talvez por ser uma das tragédias dramaticamente mais fracas. No entanto, merece o nosso interesse não só por constituírem uma água-forte sobre algumas figuras, mas até pelos seus aspectos políticos; necessitava, por isso, de uma edição crítica actualizada que nos restituísse o texto lacunoso com o máximo de fidelidade. Foi o que se propôs fazer Garzya e conseguiu levar a tarefa a bom termo.

O texto, como é lógico que fosse, estabeleceu-o com base nos mss. L e P que considera originários de um antígrafo perdido λ. Já Turyn e Zuntz notaram idêntica relação, considerando o primeiro (*The Byzantine Manuscript Tradition of the Tragedies of Euripides*, Univ. of Illinois Press, 1957) L e P «gemelli» e o segundo (*An Inquiry into the Transmission of the Plays of Euripides*, Cambridge Univ. Press, 1965) que L e P derivam do mesmo mss., mas P teria sido copiado depois de uma revisão do antepassado comum. O autor descreve ainda os mss. Fl, F e Mr que considera copiados de L e, portanto, raramente os utiliza.

É uma edição feita com saber e cuidado, que nos oferece um aparato crítico positivo e um útil aparato de paralelos. Tentando resolver os passos discutidos dos *Heraclidas*, o autor apresenta emendas felizes e soluções bastante satisfatórias. Vamos referir os pontos que mais nos chamaram a atenção.

v. 110.

Desde Kirchoff que o consenso geral considera o final do párodo lacunoso; haveria uma falha de cinco versos depois de 110, tantos quantos os necessários para que haja a costumada correspondência métrica da antístrofe com a estrofe (vv. 90-94). O autor não julga necessária a existência dessa lacuna e supõe que estamos perante um *mesodon*. Consideramos a solução satisfatória, feliz mesmo, tanto mais que, na tragédia, há mais exemplos de *mesodon* (cf. Aesch, *Ag.* 1455-1461; 1537-1650; *Choeph.* 789-793; 807-811; 827-831; 942-945; 061-064). Além disso o sentido não obriga a supor qualquer lacuna. Tendo em conta tudo isso, parece-nos natural e muito possível que Eurípides tenha usado também o *mesodon*. Só não subscrevemos

incondicionalmente a solução de Garzya, porque não conhecemos no autor dos *Heraclidas* mais nenhum exemplo; portanto, há que aceitar a hipótese sempre com algumas reservas.

vv. 221-222.

O autor, seguindo Pierson, atetiza estes dois versos. Murray e Méridier consideram-nos como autênticos; de facto, o sentido, embora não se possa afirmar de uma total clareza, não obriga a excluí-los. No entanto, já o primeiro considerou os vv. 220-225 suspeitos, notando que os vv. 221-222 repetem os vv. 97 e 98; portanto é lógico que se possa ter dado a interpolação dos versos 221-222, tanto mais que, eliminados eles e colocando um ponto no final do v. 220, como fez Garzya, a sequência lógica e sintáctica torna-se perfeita e mais clara.

vv. 299-301.

Estes versos, que têm sido muito discutidos — e que, desde J. Niejahr, o primeiro a retirá-los por espúrios, são condenados por estudiosos como Wilamowitz (*Kl. Schr.* I. 99, n. 1), Murray, Méridier —, considera-os Garzya, que já os defendera em 1956 na revista *Maia* (VIII pp. 287-289), autênticos e defende a sua manutenção na peça. Opinião semelhante fora já defendida por Pohlenz (*Die griech. Trag.* II, 1954 p. 145, n. 1). E, de facto, os versos têm a marca euripídia, sendo frequente nas suas tragédias a noção de *εὐγένεια* e de que convém escolher uma mulher nobre (cf. e.g. *Andr.* 1279-1281; *Electra* 1097-1099; *Troianos* 742 sqq.; *Heracl.* 233-235; *Antiope*, fr. 215 N²). No entanto, o seu conteúdo não nos parece muito adaptado às circunstâncias, e talvez fosse preferível a solução apresentada por Zuntz (*The political plays of Euripides*, Manchester Univ. Press, 1963, pp. 110-111) de que, embora genuínos de Eurípides, os versos citados pertenceriam a uma outra peça.

vv. 683-691.

Concordamos perfeitamente com a disposição que Garzya nos oferece destes versos, aliás na esteira de Schliack e Jackson: 683, 688, 687, 684-686, 689-691. Assim, o encadeamento do diálogo esticomítico torna-se perfeito e, além de apresentar um desenvolvimento muito mais lógico, fica também mais vivo e vigoroso. O *θεράπων* vai destruindo os sucessivos argumentos de Iolau, às vezes até com certa ironia; quando o ancião expressa o desejo de partir para o combate, o servo responde que já não tem o vigor de outrora; quando afirma que nenhum adversário suportará a sua vista, o servo objecta que a vista não fere, se o braço é fraco; quando pergunta se não o julga capaz de atravessar um escudo com a lança, o servo diz que sim, mas que morrerá antes de o poder fazer; à afirmação de Iolau de que ao menos fará número contra os combatentes inimigos, responde o *θεράπων* que é nulo o auxílio que oferecerá aos amigos; assim coloca o entusiasta ancião na insignificância a que a adiantada idade o reduz, facto que o levou a replicar: «não me reterás» (v. 691). Como se vê, a disposição seguida por Garzya dá à esticomitia maior interesse, por realçar o entusiasmo e os arrebatamentos do idoso Iolau que nenhuns argumentos conseguem esfriar.

No entanto, embora consideremos melhor para o desenvolvimento do diálogo a ordem seguida por Garzya, não nos parece de desprezar a disposição proposta por Zuntz (*op. cit.*, pp. 113-114) que talvez explique melhor como, na transmissão, se teria dado a permuta dos versos.

v. 710.

Consideramos particularmente feliz a emenda que o autor propôs para este verso: *τέκνοις <ι τοῖσδ' > ἐμοῖς*, talvez sugerida pela edição Aldina que já apresentava

τέκνοισι τοῖς ἐμοῖς, contra τέκνοις ἐμοῖς seguida de lacuna em Murray e τέκνοις ἐμοῖς, <γέρον> de Hartung. De facto, além de paleograficamente ser muito fácil de explicar (para o uso do dativo em -οῖσι em Eurípides, vide e.g. *Med.* 3, 11, 50, 54), implica a presença em cena dos filhos de Hércules que entraram, sem dúvida, na companhia de Alcmena (cf. v. 650), pois no verso 711, Iolau aponta para eles e, recomenda à anciã que cuide dos netos, enquanto ele está ausente no combate. Estranhamos, no entanto, que o autor não mencione no aparato a emenda de Vitelli-Wecklein: <τέκνου> τέκνοις ἐμοῦ. Reconhecemos que, na boca de Alcmena, é explícita demais, como aliás reconhece Zuntz (*op. cit.*, p. 108), nesta ocasião e nestas circunstâncias; no entanto, é fácil de explicar paleograficamente e há exemplos de expressões semelhantes em outros versos euripídios (cf. e. g. *Andr.* 584, 1063, 1073).

v. 893.

O autor continua a manter a crux neste verso e, quanto a nós, acertadamente, pois até hoje ainda nenhuma emenda satisfaz.

As objecções apresentadas em nada tiram mérito a esta edição dos *Heraclidas* que nos apraz registar e saudar.

Louvamos também a tendência do autor para acreditar no texto dos mss. Aliás, já num artigo publicado no vol. XIX de *Dioniso*, acima citado, Garzya tentara interpretar a tragédia, partindo do princípio, quanto a nós certo, de que os mss. no-la tinham transmitido inteira, sem haver necessidade de encher a peça de lacunas, como fizeram Kirckhoff e Wilamowitz. Se a peça se pode interpretar e entender tal como está, porque a havemos de semear de pressupostas lacunas, com base numa concepção da peça que naturalmente nunca esteve no pensamento de Eurípides?

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

STEFAN WEINSTOCK, *Divus Julius*, Oxford at the Clarendon Press, 1971.
XX + 469 pp.

Este livro, que trata da Religião Romana no tempo de César, escreveu-o um especialista que foi discípulo de Kroll e desde muito novo se interessou pelos estudos sobre essa matéria. Ao contrário do que possa parecer, o livro não trata apenas da deificação de César após a sua morte, mas ainda de um certo número de honras, privilégios e regalias de carácter não político.

O autor no «Prefácio» explica-nos como se lhe impôs o assunto do livro: quando tentava escrever um capítulo introdutório a uma obra sobre a religião do tempo de Augusto descobriu que o verdadeiro reformador da religião romana e o fundador do Império fora César — o homem que criou e planeou novos cultos, aceitou honras extraordinárias, que não desejava aparecer como um inovador, como um criador de uma nova filosofia da vida mas mostrar-se um continuador da tradição. Por isso, o autor começa por fazer uma breve exposição sobre os antigos deuses e cultos da *Gens Iulia*, numa espécie de introdução ao corpo do livro em que trata as ideias político-religiosas de César, a sua acção político-militar, as reformas religiosas, a